



Gaiato

4 DE AGOSTO DE 1973

ANO XXX — N.º 767 — Preço 1\$00



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

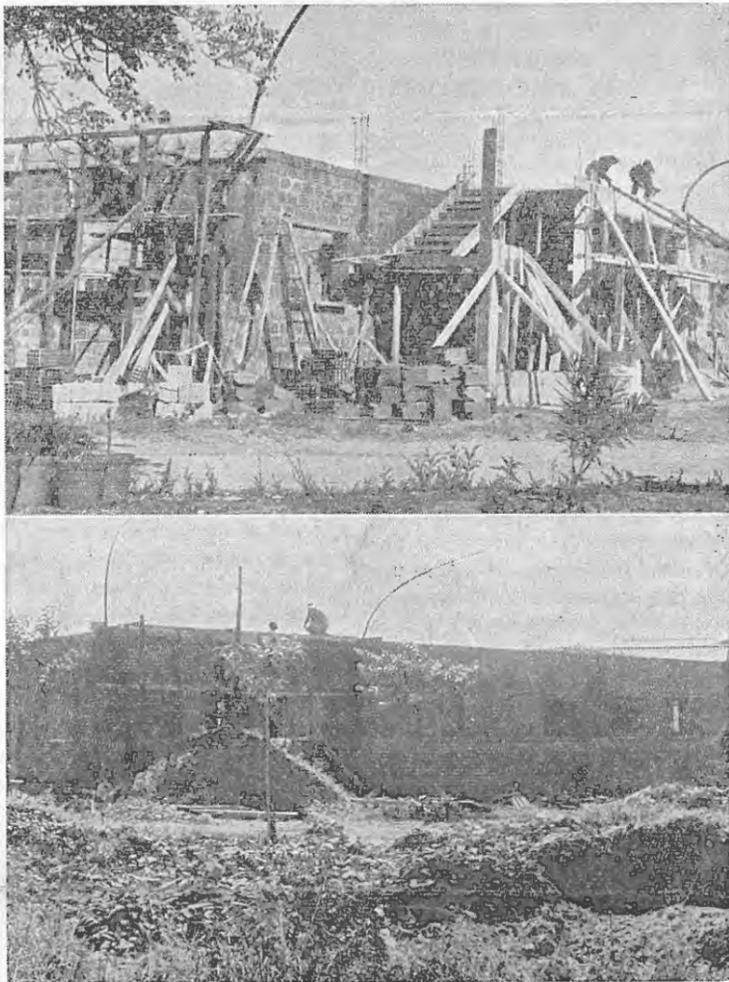


A Rua chama por nós. De todos os lados, nos chega a mensagem da Rua. Nunca, como agora, recebemos tantos pedidos de entrada de rapazes. Aos 120 que formam esta comunidade, muitos esperam sua vez de se lhes juntar. Há dias, vieram 5, pelo seu pé, pedir que os recebêssemos. Escutámos a sua história. O pai morreu. A mãe, pobre mulher, não resistiu à tentação da fuga e deixou-os para ir viver com outro homem. Os filhos ficaram e vieram ter connosco. Outros 5, dias atrás, bateram à nossa porta, pelas mãos duma assistente social. Mais dois esperam nossa visita. Outro veio com sua mãe, abandonada pelo marido em Cabo Verde. Esta mulher quer trabalhar, mas não a recebem com o filho. Olhamos o rosto inocente da criança e deixamo-la partir sem a podermos receber. Não podemos aguentar sozinhos tamanha carga. Não nos pertence carregar o peso que outros têm obrigação de levar. É mais cómodo para a família dar trabalho àquela mulher sem o filho; mas é desumano mandá-la embora porque tem o filho consigo. Com um papel na mão, passado por uma autoridade, encontramos à porta da nossa Casa Mãe, um velhinho com o neto pela mão e estes dizeres: «Encontra-se abandonado pelos pais, de que se desconhece o paradeiro...» Vem duma autoridade. Não sabemos das buscas feitas para encontrar os pais que abandonaram o filho. O papel não diz e é de supôr que nada haja sido feito nesse sentido, a julgar por casos semelhantes. Nas andanças da nossa vida pelas cadeias encontramos muitos homens presos por crimes que, ao lado deste, nem sequer merece o nome de crime. Mas a autoridade vai até onde for preciso para localizar o «criminoso». Passa mandatos de captura e chama à responsabilidade. E não será crime o abandono dos filhos pelos pais?

Encontrei o António. Há nove anos que não o perdi de vista. Todos os dias me chamava a atenção o seu olhar triste. Sentámo-nos, lado a lado, num dos bancos do jardim e conversámos. Ele tem agora 13 anos. Perguntei-lhe pelos pais, pelos seus familiares. Naturalmente as lágrimas correram pelas faces do António, sem que dissesse palavra. Esforcei-me por recolher as lágrimas em meu regaço e entender o que elas diziam: «Há muito tempo que não sei de meus pais nem de meus familiares.» Que missão sublime a de ser pai! O António passou a ser nosso. Toda a nossa vida será feita de esforço para que o António não volte a chorar porque não tem pai, nem mãe, nem ninguém. Seremos tudo para ele!

O Rui chegou há pouco. Tem 16 anos. Sem pai desde os 7. Sem mãe, desde há dias. Não conhece mais ninguém. Buscou

Cont. na SEGUNDA Página



Duas perspectivas da construção doutra moradia, em nossa Aldeia de Santiago do Infulene — Lourenço Marques.



Estão connosco a passar os 10 dias de licença militar, concedidos pelas forças armadas aos tropas antes da sua saída para o Ultramar, o Dâmaso e o Charrua. Ambos foram chefes e obreiros sacrificados nesta realização viva de rapazes. Nunca mediram o trabalho nem calcularam o esforço. Rapazes generosos!... Assumiram o sentido da nossa família: — Família pobre ao serviço dos mais pobres. O Dâmaso tem trabalhado de noite e de dia: Ele é o cuidado com o gado, com a lavoura, com as bombas de rega, que elevam água toda a noite, com os rapazes mais pequenos e maiores, com a disciplina e o rendimento do trabalho, etc.

Em princípios de Março, outros dois, que agora se encontram na Guiné, vieram gozar os mesmos dias. Mas que diferença!... Contavam passá-los em descanso no quarto, ou a passear por onde muito bem lhes apetece. E quando lhes chamámos a atenção para o estado económico e social em que estão inseridos e lhes dissemos que não podíamos concordar com a sua decisão, resolveram pura e simplesmente pedir quanto nesta casa tinham economizado e voltaram-nos as costas, com ares de protesto e revolta. Como não havemos de sentir uma satisfação e alegria profundas ao sermos assim ajudados por filhos mais velhos, nós que carregamos com a vida toda de quase centena e meia de rapazes?!... Como não havemos de saborear a riqueza crescente da consciência e do coração destes rapazes totalmente desprendidos de si numa dedicação sem reservas às necessidades dos mais pequenos?!... Impossível não passar uma amargura sem medida ao verificar a extrema pobreza daqueles que só pensam em si, alheando-se da família que os criou!... Alegrias e dores dum pai de família.

Cont. na TERCEIRA Página

DOCTRINA

«As minhas desculpas por não ter cumprido há mais tempo com as minhas obrigações, mas não fui de todo culpado. O desemprego chegou quando menos seria de esperar. Após 41 anos de trabalho na mesma empresa, e porque a parte patronal está rica, não se importaram de fechar uma grande empresa em boa laboração e atirarem para o desemprego centena e meia de pessoas.»

Conversávamos, um grande e velho Amigo e eu, no aconchego do seu pequenino gabinete — a sua «gaiola dourada», como usamos chamá-lo, gracejando.

Veio à baila o cansaço, os compromissos que a vida gera.

Numa idade em que poderia pensar na «reforma»; em condições económicas de poder viver o resto dos seus dias daquilo que trabalhou; sem outra ambição que não seja prosseguir a vida de bom nível, mas austera, que sempre conheceu — desabafava aquele Amigo que não sabia ainda se conseguiria férias, nem quando, pois, a tê-las, só depois de todos os ou-

tros que, naturalmente, as desejam neste período estival, breve para repartir por tantos.

Eu provocava-o: — Porque não deixa isto? Porque não entrega a pasta e se não compensa um pouco de tantos anos aqui «engaiolado»?

— Não posso! Entregar a quem?... Deixar a quem?... Não vê que são dezenas de pessoas que ganham aqui a sua vida e acreditam em mim? Por mim, parar seria fácil, apetecível mesmo. Mas eles?... Eu não posso traí-los. Não posso mentir à confiança que têm em mim.

Por isso ele descansará depois dos outros, se puder... E, comprometido com eles, continuará como cabeça, como fonte de unidade, a dirigir a empresa que um dia lhe cometeram e ele assumiu; da qual se não demitirá enquanto tiver forças.

Recordou-me esta conversa o desabafo que principia este artigo e o motivou. Ele diz suficientemente, na sua sóbria e serena expressão, diz, por contraste à consciência daquele velho Amigo, que os bens neste mundo têm uma

CONT. NA TERCEIRA PÁGINA

PELAS CASAS DO GAIATO

Paço de Sousa

CELEBRAÇÃO DO DIA 16 — No dia 16 de Julho comemoramos o dia da passagem de Pai Américo para a Vida.

As 10h e 30m. houve Missa, em que participou toda a Comunidade e alguns amigos.

Sr. P.e Abraão fez a respectiva homilia destacando a figura de Pai Américo.

A seguir dirigimo-nos para a piscina. Foi a inauguração. Embora o tempo e os factores climatéricos não ajudassem, a maior parte da malta deu o mergulho inaugural, mas passando antes pelo chuveiro para lavar impurezas do corpo.

O Sr. P.e Abraão de cachimbo, gabardine e botas altas, trazia também uma máquina fotográfica para registar o acontecimento.

A nossa piscina tem três sectores: a parte funda para os mais velhos, outra para os médios e uma pequena divisão para os mais pequenos.

CAMPANHA DOS TEMPOS LIVRES — Esta campanha, como os nossos leitores já sabem, tem como objectivo as nossas horas de ócio. Mas para isso é preciso a vossa colaboração. Vamos ao ataque?

Como disse o respectivo cronista deste sector alguns já nos deram ouvidos.

Aqui mais uma vez o apelo aos que ainda não colaboraram: precisamos de discos, livros, jogos, etc.

Façam o favor de enviar para: *Campanha das Tempos Livres — Casa do Gaiato — Paço de Sousa.*

«O BARREDO» — Está a rolar a 2.^a edição de «O Barredo», com o primeiro caderno a duas cores. Precisamos de evoluir... É mais um livro da autoria de Pai Américo — de colaboração com outros cronistas da nossa Obra — referindo-se ao problema das condições miseráveis dos Pobres em nosso País.

Os leitores da nossa Editorial vão ter mais uma oportunidade de enriquecer as suas bibliotecas e o seu espírito com mais esta obra preciosa, a sair no próximo ano.

Daremos notícias do andamento do livro na altura própria.

Para os leitores mais apressados, aqui fica a notícia.

FÉRIAS — Como ainda não apareceu cronista para relatar o que se passa em nossa colónia de férias de Azurara, do que sei vou dizer alguma coisa.

O primeiro, como já foi dito oportunamente, esteve na praia durante segundo da casa 4 de cima.

O primeiro como já foi dito oportunamente esteve na praia durante 22 dias, porque são os mais pequenos. Tiveram, como responsáveis, duas senhoras.

Férias óptimas nos primeiros dias. Depois o tempo mudou. O nosso «Ciganito» — uma joia de criança — portou-se mal. Não concluiu o tempo de férias.

Outro caso menos agradável que o primeiro: Agostinho, um dos mais pequeninos, no último dia caiu e partiu um bracito. Foi para o hospital, onde se encontra em tratamento. Esperemos que melhore o mais depressa possível. Ele é a nossa alegria. Dá-nos muitos momentos de boa disposição.

Quando ao segundo turno, desejamos um descanso salutar, com bom tempo. E dão notícias aos nossos leitores.

Encontra-se a passar férias conosco o Ernesto Pinto, esposa e filhos. Foi de Paço de Sousa, mas está em nossa Casa de Setúbal, na secção de Carpintaria e marcenaria. Para ele e para os seus umas férias felizes.

TELESCOLA — Com as aulas acabadas, chegaram os exames e as passagens.

Para os de passagem correu tudo bem com alguns com notas de destaque.

Os que fizeram exame tiveram uma prova um pouco escapatória e uma escrita também razoável, com uns resultados muito bons.

Graças a Deus passaram todos.

Alberto José

TOJAL

CAMPO — Já se começou a apanha da batata. Até aqui a produção não tem sido muito boa. No entanto espera-se que os terrenos que faltam sejam mais rendosos.

As poucas ameixas que ficaram do último vendável, já se começaram a comer; são grandes e saborosas. O mesmo não acontece com os tomates. Ainda não conseguimos comer cá uma salada de tomate, pois estes estão um pouco verdes ainda. Temos que esperar para se satisfazer o apetite dos rapazes.

FÉRIAS — Já tiveram início as férias. O primeiro grupo já gozou os seus 15 dias. Está agora a fazer o mesmo o segundo turno.

Como nos anos anteriores, a sopa é-nos oferecida pela Colónia Balear, além de outros mantimentos. Dia sim, dia não, vamos até à Ericeira, onde na praça nos dão alguma fruta, peixe, etc.

Com ajuda dos nossos queridos Amigos conseguimos passar umas férias felizes.

SELOS — É com enorme satisfação que venho anunciar-vos o bom êxito da nossa campanha. De várias partes chegam até nós selos usados. Estes constituem uma fonte de receita para a Casa. O preço que seja é sempre bem aceite.

FUTEBOL — No último encontro aqui efectuado, triunfamos mais uma vez. Desta foram 4-3 a um grupo de alunos do liceu D. Pedro V. É de realçar a boa réplica dos visitan-

tes, os quais em jogos anteriores sofreram derrotas mais avantajadas.

Venham outros grupos até nós conviver e jogar.

PEDIDO — O dinheiro não é muito, mas o pouco que temos há necessidade de guardá-lo. Faz-nos falta um cofre para o escritório novo.

Haverá por aí algum? Se tal existir e não fizer falta, nós recebê-lo-emos da melhor maneira. Ficamos a aguardar.

Jorge

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

FORMAÇÃO — Num dos últimos domingos realizou-se, aqui perto, uma «Manhã de reflexão vicentina», iniciativa duma conferência feminina.

Abordados na fase preparatória, secundámos imediatamente a acção daquelas recoveiras dos Pobres. Somos fruto do mesmo tronco — Ozanam e seus companheiros — ainda que, por cá, separados até não sei quando. Portugal é um dos raros países do mundo com dois ramos diferentes!...

Se aquela «Manhã de reflexão», daria de forma ão, não tivesse outros proveitos — bastaria elas e nós estarmos juntos, reflectirmos juntos, conscientemente.

UM CASO — Ultimamente ele era engraxador num café que deu lugar a uma dependência bancária. Conhecemo-nos desde que saiu prá rua o primeiro número de «O Gaiato». Tempos difíceis para os Pobres: a II Guerra Mundial.

Ele parava na praça da Liberdade, jornais a tiracolo e pregão na boca: «Notícias», «Janeiro», «Comércio»...

Nós com «O Gaiato», eles com os matutinos.

Conversávamos. Ouvíamos as dificuldades. Um dia, quixámo-nos ao Pai Américo da miséria dos ardinas. O remédio não tardou. De cada vez que seguíamos prá venda de «O Gaiato», Pai Américo dava-nos *senhas* para, alegremente, distribuímos por eles: *senhas* para refeições económicas, em câmpinas de corporação oficial.

Eni sempre um dia de festa, de barulho. A malta caía-nos em cima com toda a força!

Desde aí, cimentámos amizade com alguns beneficiados. Amizade que perdura. Mas, pelo que leio até na Imprensa, se na generalidade as coisas não são trágicas como dantes, permanecem negras: ainda não são beneficiários da Previdência.

Ouçam o Júlio:

«Eu antigo vendedor de jornais e engraxador, desde que fechou o café, nunca mais tive saúde. Encontro-me hospitalizado, com doença bastante grave, que me incapacita para o trabalho. Neste momento estou a passar por uma situação bastante aflita, pois os meus filhos pedem de comer à mãe, ela coitada não tem dinheiro sequer para comprar um bocado de pão. Imagina a minha situação: os filhos a pedirem de comer, daqui a pouco o senhorio e eu sem possibilidade de os ajudar nesta situação tão

aflita. Espero que não me esqueças, nesta minha situação tão angustiada.

Não esperámos por informações. O meu homónimo seria incapaz de intrujar. Mandámos por um vicentino, de visita ao hospital, uma nota das grandes. E passámos recado a uma Conferência da zona, a fim de procurar resolver o problema — que parece, finalmente, estar em vias de ser resolvido pelos esferas oficiais.

DONATIVOS — Abre um anónimo, de algures:

«Desculpe ser só 20\$00 anualmente, para a sua Conferência. Mas acredite são muitas gotinhas, embora todas de boa vontade; mesmo assim quem deira que todos se lembrassem uns dos outros».

Mais uma presença da rua Pereira e Sousa, de Lisboa. Mais 20\$00 da nossa velha amiga Leonor: «gostaria de mandar mais, mas... quem é pobre é mesmo pobre!».

Outra migalha para os irmãos pobres da Conferência e em agradecimento duma graça. Que eles se lembrem de nós, pois todos somos peccadores».

Finalmente a simpática oferta de «Uma Assinante do Seixal»: «Com a amizade fraterna, que nos reúne, envio 600\$00 para a Conferência». Uma legenda tão cristã!

Júlio Mendes

MIRANDA DO CORVO

ESCOLA PRIMÁRIA — O ano escolar, como não podia deixar de ser, chegou ao fim.

Novo fizeram a sua despedida, que foram os da quarta classe.

Das outras classes nem todos aproveitaram, mas mesmo assim, foi um ano escolar razoável.

PRAIA — Os dias mais desejados para todos nós chegaram. Assim partiu o primeiro grupo no dia cinco, que foi o dos mais velhos. Estamos acampados na floresta da Praia de Mira.

Estes já regressaram. Voltou muito contente e feliz, pois a praia é motivo para isso. No segundo grupo partiram os médios. Iam contentes pois a sua vez tinha chegado.

Esperamos agora sua vinda para em seguida, irem os «batatinhas» que darão por terminado o tempo de férias este ano.

AGRICULTURA — Começamos há uns dias com a colheita da batata branca. Este ano temos menos que o ano passado, porque em quase todo o lado, foram queimadas pela geada. Ti vemos este ano pela primeira vez uma semente de batata vermelha que nos deu bastante fruto; e gráido que ele era!

AS NOSSAS VIDEIRAS — A nossa vinha da Lomba tem tido a rama de boas uvas; desta vez, porém, não contamos ter cachos tão bons, porque foram queimados cedo. As da quinta têm bons cachos e esperamos que amadureçam tão lindos como estão.

GADO — Recebemos mais cem pinhões da Granja Avícola de Barca Nova e quinhentos do Aviário de Santa

Cita, ambos de Tomar. Estes Senhores têm sido sempre muito nossos amigos e, assim, temos sempre o nosso aviário composto.

Mais uma das nossas porcas teve uma ninhada de porquinhos. Foram três porcas as últimas a ter: uma, treze; outra, dez; e outra onze.

As nossas porcas estão outra vez com muita vida. Deus permita que não venha a doença. Precisamos muito de carne para comer.

OFERTA PROVEITOSA — No mercado de Tomar os Senhores dos talhos resolveram todas as quinzenas oferecer-nos alguma carne. Assim o Benjamim, que é o vendedor em Tomar, vem carregado com um grande saco de carne. Temos em Tomar muitos e bons amigos. Havia de ser assim em todas as terras.

Manuel António

AZURARA

Como já deve ser do conhecimento dos nossos leitores, principiaram há muito tempo os nossos tão desejados e merecidos períodos de férias e com eles vieram as nossas queridas praias.

Já foi e já veio da praia o primeiro turno.

Esto gozou mais uma semana que os outros, porque eram os mais pequenos. Os dias destes foram bons; havia sol, mas nem sempre; veio chuva quase a terminar o turno, o que estragou um pouco a alegria que reinava com o rico sol.

No dia 8 de Julho fizeram aqui a primeira comunhão 10 dos mais pequenos. Houve nesse dia grande festa, que começou na Capela e se prolongou até ao refeitório.

Até que chegou o dia da vinda para Pa e de Sousa... Houve grande tristeza; mas, por outro lado, houve alegria porque sabíamos que vinham outros e íamos andar pela primeira vez na carrinha nova. E aqui despeço-me. Adeus até ao ano.

«Marinho»

Areias do Cavaco

Cont. da PRIMEIRA Página

na cidade quem quisesse recebê-lo. Em vão. A cena de Belém repete-se: «Não há lugar na estalagem.» Veio.

Os «slogans» dos jornais, dos homens responsáveis a dizer do progresso «espectacular» dos nossos dias, não nos enganam. Mergulhamos na Verdade. Preferimos falar pouco. Enquanto a palavra progresso não exprimir, pelo menos, a participação da maioria do Povo, não temos coragem para falar. Todos somos responsáveis. Os que estão em cima e os que estão mais baixo. Os que têm muito e os que têm menos. O mais que cada um tem é, por obrigação, para ser repartido pelos que nada têm. É a Justiça. É tema para reflexão.

Padre Manuel António



Tomos presente uma carta de letra já nossa conhecida. É daquele «casal muito amigo», de Santarém, que de quando em vez, nos escreve, juntando o abono de sua filha. Desta feita, vinham 500\$, como «abono de família», dum mês qualquer.

E já que a vossa filha, vai fazer 5 anos, para ela, com muita ternura, um beijo muito grato, de todos nós. Deus a guarde sempre.

Conhecido assinante de Rio Tinto, com várias mensalidades de 100\$. Da Escola masculina de Ronfe-Guimarães, 500\$. Um cheque de 50\$, trazido pelo nosso «Timpanas». Os 140\$ da «Mãe que crê em Deus». Selos de Maiorca. Mais 800\$, em dia de S. João, da nossa visitadora do costume. Coisas muito boas, da Casa Guedes. Roupas de Mação. Dum primeiro aumento de ordenado, 1.100\$. E a presença mensal, da Amadora, com os 100\$ em selos de correio.

«Da venda das nossas rosas» 2.500\$, de Vilar de Andorinho. As meninas da Escola do Magistério do Porto, deixaram 520\$. Pela passagem ao 5.º ano

Do que nós necessitamos

100\$. Maria Dulce com 50\$. E «slides», de S. João do Estoril. Roupas de Olivais Sul. Mais delas e calçado, de Barcelos. «Por uma graça que Deus nos concedeu», cinco contos, de Aveiro. 200\$ da Avó de Moscavide, com muitas saudades de todos nós. E dum leitor atento para a mãe de que fala a «Nota da Quinzena» do n.º 764, mil escudos. Mais 500\$, proveniente do primeiro aumento de pensão dum «Mãe Alentejana». De um grupo da LOC, de Aldoar, que por cá passou, 653\$10. «Obra de Deus para os Pobres», com 40\$, por três vezes.

A muita amizade de «alguém amigo», e 1.000\$ por duas vezes. Da Calçada da Estrela,

50\$. «Peia passagem de ano, de meus 2 filhos», 100\$. De S. João da Madeira, roupas e 50\$. De José Flores, 60\$. Assinante 22578, com 250\$. Da amiga do Henrique, 320\$. Rosa com 100\$. Maria Angelina com 20\$. Da «Sintrense do Costume», 1.070\$, produto de um recente aumento de ordenado. Maria da Redenção com 1.000\$. De Valadares, os donativos silenciosos de 300\$ e 350\$. Por alma de Manuel, 50\$. Maria

Filomena com 20\$. Mais 350\$ de Lisboa. De Maria Rosa, 200\$. J. Oliveira com 550\$. E dum promessa, 200 florins, vindos de Santo Tirso.

Com o carinho das alunas da Escola Preparatória Dr. Augusto César Pires de Lima, do Porto, mil escudos. Ass. 16264, de Braga, 280\$. De um sorteio, 120\$. De Lisboa-3, 500\$. Vale de correio de 1.000\$, do Porto. Das Escolas de Pedra Furada-Barcelos, 150\$. De Maria Isa-

bel, 200\$. Mais da Capital, 500\$, 50\$, 100\$, 20\$ e 50\$. Da Rua Alferes Malheiro duas presenças de 120\$. Dum Amigo de Ermesinde, que há pouco nos visitou, 500\$. «De um Tripeiro, residente em Aveiro», 100\$. Um vale postal de 2.220\$ dos Empregados do Crédito Predial Português, recebido em 25 de Abril do corrente ano. Bem hajam, bons amigos.

«Avó de Sintra», com três presenças de 50\$. E desejamos as melhoras. Lotaria vinda de Bragança. Da Rua Barros Lima, várias migalhas. Mais 500\$, do Grupo Excursionista Familiar «Os Arrependidos». Amigos, nunca se arrependam de fazer o bem! E uma esferográfica, toda catita, que me enviou o nosso Fausto Teixeira..

E nada mais por hoje. Bem hajam.

Manuel Pinto

Setúbal

Cont. da PRIMEIRA Página

x x x

Os tempos que correm fazem os homens voltar os olhos para o chão em apreço exagerado e por vezes exclusivo dos bens materiais e sensíveis. Se é verdade que o homem não pode viver sem pão, também é eterna a verdade de que não vive só de pão. Mas hoje não é já a busca de pão que domina uma boa parte dos homens do nosso tempo, mas uma ânsia desmedida de saborear sôfregamente todo o pra-

zer que a vida terrena lhe pode proporcionar; e, na medida em que o homem se materializa, vai pondo para 2.ª ordem os valores do espírito. Verdade, Dignidade, Honra, Gratidão, tudo para o secundário. Também no nosso ambiente esta influência hodierna começa a fazer sentir os seus efeitos.

O rapaz julga precisar da Obra somente enquanto carece de pão e instrução; não, enquanto carece de pai, de família, de educação e de amparo.

Padre Acílio

«Acabo de ler «O Gaiato» e debruço-me sempre em primeiro lugar sobre aqueles artigos que mais de perto me dizem respeito. No que hoje recebi, são as «FÉRIAS» que li e reli e ainda talvez mais alguma coisita pudesse acrescentar.

Com as férias, tal como estão, todos perdem com tanto tempo mal, posso dizer mesmo: péssimamente aproveitado. Mas sofrer, sofrer, sofrem os Pais, na bolsa e na alma: na bolsa, porque não há dinheiro que chegue aos «meninos»; na alma, por ver que estes quatro meses de férias trazem e criam tantos vícios, que os 8 meses de aulas não conseguem fazer desaparecer.

Culpados os Pais? Sim, isso é que se ouve em toda a parte. Mas penso e torno a pensar e em consciência não me sinto culpado.

Tenho bastantes filhos e todos me deram muitos problemas. Presentemente só dois n'os estão a dar. Ambos tiveram passagem de ano, pelo que já estão em casa há perto de 1 mês. Ainda vamos ter mais 3 meses.

Quer saber, Padre, qual é a vida deles?: Na cama até ao meio-dia; no café ou no «pagode» até às 3 da madrugada.

Mas que lhes posso eu dar para que essa vida se modifique? No trabalho, ninguém os aceita. Distrações, campos de férias, cam-

UMA QUEIXA

pos de trabalho, ninguém (que eu saiba) os organiza. Vou ser eu a organizá-los?

Um deles, o mais rebelde, o ano passado foi com dois colegas fazer campismo e devo dizer-lhe que fui ver «in loco» como estavam «acampados» e tudo aquilo me meteu uma pena que não queira saber, pelo meu e pelos outros: acampados sem higiene, sem moral, sem nada.

Mas a que porta hei-de ir bater, para eles irem em qualquer coisa a sério? Mas haverá alguma coisa a sério?

Os jornais trazem páginas cheias de concursos de «misses», de festivais «pops» — eu sei lá que mais... Porque não abordam eles estes problemas que são de

«vida ou de morte» para os jovens e tanta paz poderiam trazer aos Pais?

Eu sinto-me totalmente falhado na educação que dei a meus filhos. Fiz pelo melhor, dei tudo o que sabia. Não sabia, nem hoje sei fazer melhor.

Por isso, pedia que no próximo e sempre que tenha um cantinho disponível, «O Gaiato» insista, oportuna e importunamente no assunto, que é de uma oportunidade tão grande, que nem é necessário focá-la.

Não acrescento nada senão isto: Não desculpo totalmente os Pais. Mas, na verdade, «haverá alguma coisa a sério» para resolver esta grande lacuna?...

Cont. da PRIMEIRA Página

função social, que é o seu preço numa perspectiva individualista.

O trabalho não é fim supremo do homem; mas, nas condições reais da vida no mundo, um dever, uma vocação. «Comerás o pão com o suor do teu rosto...» — eis uma circunstância de que ninguém é dispensado, a menos que careça dos dons fundamentais, físicos ou psíquicos, para procurar ele próprio a sua subsistência.

Mas é vocação: «Possui a Terra; domina-a.» Quem tem engenho para com o seu trabalho ir longe..., deve ir. Se fica à quem dos dois ou cinco

DOCTRINA

ou dez «talentos» que recebeu e terá de igualar no seu lucro, sujeita-se à rejeição dos «servos maus».

Ir longe, não só por si, não sobretudo para si, mas porque ir representa a sua realização pessoal, que o fará feliz na Terra e lhe grangeará a virtude para saltar do Tempo à Eternidade.

O homem que trabalhou, que adquiriu, não é senhor arbitrário dos seus bens. Deve-os à graça original dos dons que

recebeu. Mereceu-os pela sua fidelidade activa a esses mesmos dons. Comprometido com Deus desde o princípio, foi-se comprometendo com os homens ao longo da vida. Terá de ser-lhes fiel até ao fim. Isso custar-lhe-á sacrifício. Este fará a sagração de uma vida que se não quis profana.

Assim se prepara o «bravo!, servo bom e fiel...», o «vinte, benditos de Meu Pai...», que Deus ambiciona dizer a todos os homens que ama.

Lar Operário de Lamego

Os apontamentos da nossa agenda publicados em «O Gaiato» de 23 de Junho passado, suscitaram respostas e in formações que agradecemos e que revelam a muita atenção que os dedicados leitores nos dispensam. Vieram de Braga, do Ramalhal, de Vila Nova de Gaia, da Foz do Douro e outras localidades.

Muitos indicaram leis onde se enquadravam os casos referidos; nomes a quem podíamos escrever; Instituições para onde se podiam encaminhar as pessoas interessadas.

Tudo isto está certo e nós já percorremos todos esses caminhos.

Há porém, uma diferença, que não é nada pequena, entre a lei e a sua aplicação. Sabe-

mos das pessoas que estão à frente dos tais Organismos, mas temos entre mãos as respostas negativas.

Um exemplo: correcção de menores. Não falamos de quem possa pagar o internamento. Os outros têm de ser apanhados em flagrante delito (roubos, imoralidade, etc.); hão-de aparecer queixosos e testemunhas e participação à auto-

Cont. na QUARTA Página



Novos Assinantes de «O Gaiato»

Continuamos a recebê-los, graças a Deus. Tanto do País como do estrangeiro.

● UM AVISO

Na procissão seguem, também, alguns que já foram assinantes e se despistaram por mudanças de residência, etc. Uns, que seguiram do interior para o litoral; outros, da metrópole para o ultramar e estrangeiro ou vice-versa. Andanças do tempo. Nunca, como hoje, o mundo foi percorrido de lés a lés em tão poucas horas!

Seria bom que todos os assinantes fossem muito cuidadosos nas mudanças de residência. Participassem logo o novo endereço. Não custa nada. Basta fornecer os dados num simples bilhete postal. Assim, evitar-se-ia que deem pelo gato só depois das trouxas arrumadas: enquanto o jornal anda por lá, sabe Deus como. E temos tanta necessidade de economizar papel, por injustificada escassez no mercado!

Depois vêm os «mea culpa». Cartas formosas, fervorosas d'amizade: os que fazem propósito de jamais esquecerem de participar qualquer mudança d'endereço. Vai-se a ver e o motivo é muito claro: «Eu já não posso passar sem «O Gaiato»...» — afirma um. Outros, por outras

palavras, expressam o mesmo voto.

● «FAÇAM COM QUE OS PORTUGUESES CONHEÇAM TODOS «O GAIATO»

Na minha frente passa, agora, a coluna de novos assinantes. Uma parte, de mãos dadas a leitores habituais. Frutuosa sementeira! Estes vão ao ponto de se encarregar da cobrança das assinaturas! Tanto que me faz lembrar um belo trecho de Pai Américo, que não resisto a transcrever:

«Também para crédito e proveito do jornal tem aparecido aqui e além o Apaixonado que se dispõe a fazer a cobrança no seu meio e aí vem a lista de assinantes pagos e isto é uma coisa muito boa.

Ora a gente não pode afirmar se é o jornal que faz a obra. Ela foi muitos anos sem ele e assim poderia ter continuado. Mas faz falta. Mais do que a própria Organização senti-lo-iam os leitores, se porventura «O Gaiato» viesse a desaparecer.

Não seja pois por nossa causa. Não seja pela obra da Rua. Fique de fora o Património dos Pobres. Esqueça-se o Calvário.

Mais do que tudo isto, que é muitíssimo, representam e são os leitores. Por amor de cada um deles, sim, trabalhem os leitores e façam com que todos os portugueses conheçam «O Gaiato», que daí ao amar é pouca a distância».

● DO MUNDO PORTUGUÊS

À frente da coluna, Porto e Lisboa de braço-dado. A seguir passa Ermezinde, Torres Novas, Duas Igrejas (Paredes), Coimbra, Lourçal (Pombal), S. Pedro do Sul, Soure e Ovar, que remata desta forma com muito interesse: «agradecia que estes senhores recebessem «O Gaiato» logo na próxima tiragem». Mas que formidável devoção!

Presenças do Ultramar: Ilha de Moçambique, Lourenço Marques e Carmona (Angola). Além duma série de SPM.

● DO ESTRANGEIRO

Novos leitores residentes na Alemanha. Algumas já são, mas quem dera fossem assinantes todas as agremiações de portugueses, sem distinção, espalhados por esse mundo fora! Deixamos a lembrança. Pode ser que surta efeito. Nunca tão perto da Pátria como quando fora dela. Não é verdade?

Júlio Mendes

Retalhos de Vida

O Artur



Sou natural de Beça, linda freguesia de Trás-os-Montes, onde nasci a 28 de Março de 1954.

Meu pai abandonou-me, com 8 anos de idade, mais quatro irmãos, todos mais novos e minha mãe — que já não tinha forças para olhar por nós. Ficámos sem mãe em pouco tempo! Morreu muito nova ainda, sem ter completado 28 anos de idade. Causa da sua morte: ter sido escravizada pelo meu pai, homem que se metia nas tabernas e depois, à noite, ela é que tinha de o aturar, fazendo trinta por uma linha!

Quando ficámos sós com a nossa mãe, a paz estava connosco. Eu, como mais velho, ia fazendo qualquer coisinha, olhando pelos meus irmãos, um rapaz e três raparigas, tendo a mais nova apenas 11 meses.

Um dia nossa mãe piorou. Esteve todo o dia na cama, sem nos dizer que estava muito mal. À noite pediu-me para, quando eu acordasse, lhe fazer um chá. Dormi no seu quarto, numa cama ao lado. Foi a última vez que lhe disse «até amanhã se Deus quiser». Ao abrir os meus olhos, minha mãe tinha os dela fechados para sempre.

Não sabia, então, o que havia de fazer. Apenas chorar; chorar porque ia ficar só, para sempre. Um sofrimento doloroso!... Só nos restava, porém, uma solução: alguém deitar-nos a mão. O que sucedeu, felizmente. Um tio, com a ajuda do Pároco, resolveu pedir — para mim e para meu irmão — um acolhimento na Casa do Gaiato. Aqui estou, satisfeito, há cerca de 7 anos e alguns meses.

Quando cheguei à nossa «Aldeia» de Paço de Sousa, para mim tudo era estranho. Não estava acostumado a um ambiente deste género. Não falava para ninguém. Mas, com o tempo, comecei a abrir-me aos meus colegas. E, passado uma semana, arranjam-me uma empreitada: ir trabalhar para a lenha. Da lenha passei à lavoura. Depois às limpezas. E, ao mesmo tempo, aproveitei fazer o 2.º ano do Ciclo Preparatório TV.

Faltava-me escolher uma profissão. Segui pela serralharia. Mas não me agrada. Vou mas é tirar o curso de auxiliar de enfermagem, numa escola do Porto, a começar no próximo mês de Outubro. Assim, realizo o meu sonho: ser alguém na vida.

E aqui está, a traços largos, a história da minha vida. Um abraço para todos os leitores de «O Gaiato».

Artur Teixeira Pires

Lar Operário de Lamego

Cont. da TERCEIRA Página

ridade policial. E mais e mais e mais.

Estes são os casos nítidos... que uma ou outra vez têm internado. Aquele rapaz, porém, que foge de casa, que dorme noites seguidas ao relento, que tira à família dinheiro para gastar mal, que não frequenta a escola, etc, etc, é martírio dos pais, mas não é caso para ser atendido. Nós também sabemos que existem leis e Institutos, mas só quem todos os dias lida com as realidades da vida é que sabe muitas vezes que inutilmente se sobem e

descem escadas, se fazem exposições, vindo unicamente a resposta de que o assunto vai ser submetido à consideração de fulano — mas a pessoa continua a debater-se com os seus males.

Querem outro exemplo? Velhinhos com mais de 70 anos sem subsidio de velhice. Se acontece naquela zona existir Casa do Povo e o interessado não está inscrito desde início do seu funcionamento, agora não se pode inscrever. Esta é a resposta que até ao presente tenho recebido, mas dou a mão à palmatória e o dito por não dito se alguém me indicar a lei que permita tal inscrição.

E cá me fico outra vez à espera da mulher doente que precisa de ajuda para o leite dos filhinhos e tenciono ir visitar o casal de avançada idade.

Padre Duarte

A Família cresce Novos casais

... que se vão realizando por esse mundo fora.



Joaquim Leitão e Ana Maria casaram em nossa Capela em Paço de Sousa.



António Augusto Pereira de Almeida e Julieta casaram na Catedral de Benguela.



Santos Silva e Berta Maria consorciaram-se na Igreja da Amadora.

